

## O SISTEMA TEMPORAL DA LÍNGUA JAPONESA NAS NARRATIVAS CLÁSSICAS

Tai Suzuki

Em várias línguas da Europa e na língua turca é utilizada, em grande parte, uma determinada forma do passado para expressar um fenômeno do passado de uma narrativa. O mesmo fato pode ser observado na língua clássica japonesa onde normalmente se utilizam as partículas flexíveis (em japonês, denominado *jodôshi*) *ki* e *keri*, sendo que a partícula *ki* é utilizada junto ao verbo para expressar o passado de um fenômeno do cotidiano e a partícula *keri*, junto ao verbo, expressa o passado de um fenômeno de uma narrativa.

Nas várias línguas da Europa, por exemplo, no Português utiliza-se o pretérito imperfeito para expressar um fenômeno do passado de uma narrativa. Dentro da língua clássica japonesa, quais seriam as diferenças gramaticais existentes entre a partícula *keri* que expressa o passado de um fenômeno da narrativa e a partícula *ki*?

Desde há muito, existem muitas discussões no que se refere à diferença de significado entre as partículas *ki* e *keri* que expressam o passado na língua clássica japonesa. Na nossa opinião, não existe ainda uma teoria estabelecida, mas não se sabe desde quando, algumas teorias específicas foram sendo consideradas teorias estabelecidas, o que nos leva a deparar, por vezes, com situações extremamente perigosas.

Gostaríamos de rever, neste trabalho, as diferenças entre as duas partículas dentro da literatura narrativa, a partir de um novo ponto de vista. Entretanto, desde que existam situações em que são discutidos os problemas como o do narrador e o da estrutura da obra, torna-se necessário deixar colocado os pontos problemáticos das teorias mais aceitas atualmente.

### **I — Estudo da teoria de Ikki Hosoe por Hiroshi Yoshioka**

#### **1 — O uso da partícula *ki***

A teoria mais aceita no presente momento é a de Ikki Hosoe (de 1932), que diz:

“A partícula *ki* indica uma ‘retrospectiva testemunhada’ e se refere a um acontecimento vivido pela própria pessoa, enquanto a par-

tícula *keri* indica uma ‘retrospectiva transmitida’ e é utilizada para relatar um caso contado por terceiros.”<sup>1</sup>

Essa teoria é largamente aplicada na pesquisa literária e parece estar se transformando numa teoria estabelecida. No entanto, ela não foi, de maneira nenhuma comprovada, e a realidade é que existem muitas outras teorias além dessa. E os seguidores da teoria de Hosoe não tentam, por outro lado, demonstrá-la, antes, quem desempenha efetivamente o papel de estudar a teoria de Hosoe são as pessoas que estão tentando aplicá-la na pesquisa literária. Os seus estudos, por seguirem fielmente a teoria, acabam, por outro lado, mostrando as suas limitações, razão pela qual gostaria de examinar o conteúdo desses estudos, particularmente dentro da obra *Genji monogatari*.<sup>2</sup>

Em *Genji monogatari* temos uma narradora, provavelmente uma dama da corte que serviu próximo a Genji e que vai relatando os acontecimentos, assim, se a partícula *ki* expressa uma experiência direta do narrador, o estudo de Hiroshi Yoshioka (1977a), seguindo a teoria de Hosoe diz:

“A partícula *ki* que aparece na parte descritiva do texto, relata aí o fato de que uma situação do passado vivida ou presenciada diretamente pela narradora, está sendo lembrada pela própria narradora.”<sup>3</sup>

Desse modo, Yoshioka tenta reconhecer as frases que utilizam assim a partícula *ki* em *Genji monogatari* como a fala da narradora, isto é, a parte em que a suposta narradora surge falando diretamente na narrativa.

No seu estudo, Yoshioka chega à conclusão de que dentre os 1.903 exemplos da partícula *ki* encontrados nos diálogos, monólogos e poemas, perto de 99% podem ser considerados, sem sombra de dúvida, como ‘retrospectiva testemunhada’.

Por outro lado, dentre os 976 exemplos de *ki* encontrados na parte descritiva do texto, podem ser levantados os seguintes usos:

1 — A partícula *ki* utilizada em um contexto onde a narradora se porta como personagem, ou seja, a autora coloca-se no lugar do personagem. (397 exemplos)

(1) Espreitando pela fresta, sentiu reconhecer as feições deste homem (Capítulo: Tamakazura).

(*Monono hazamayori nozokeba kono otokono kao mishi kokochisu.*)

1) HOSOE, Ikki — *Dôshi jiseino kenkyû*. Tokyo, Taibundô, 1932, p. 137.

2) Narrativa clássica do século XI, cuja autoria é atribuída a Murasaki Shikibu.

3) YOSHIOKA, Hiroshi — *Genji monogatariniokeru kino yôhô - Genji monogatario chûshintoshita ronkô*. Tokyo, Kasamashoin, 1977 (a), p. 134.

2 — A partícula *ki* utilizada nos casos em que se relembra um acontecimento já relatado anteriormente na narrativa, mesmo que se trate de um acontecimento que não poderia ter sido presenciado diretamente pela narradora. (258 exemplos)

(2) Era só aquele acompanhante de Yûgao, que lhe servira de intermediário, e mais um menino de feição completamente desconhecida. (Yûgao)

(*Kano Yûgaono shiruseshi zuijinbakari satewa kao mugeni shirumajiki warawa hitoribakarizo ite owashikeru.*)

3 — Expressa uma recordação pelo ponto de vista da narradora

(A) Exemplos que expressam nitidamente uma experiência pessoal da narradora (121 exemplos)

(3) Tudo lhe fôra poupado, penalizados que estávamos com as abstinências e segredos mantidos por ele frente às complexidades das coisas. (Yûgao)

(*Kayôno kudakudashiki kotowa anagachini kakuroe shinobitamaishimo itooshikute mina morashitodometaruo.*)

(B) Exemplos em que a partícula *ki* é utilizada para relatar um acontecimento que, mesmo sendo transmitido por terceiros, a narradora pode garantir ser verdadeiro. (37 exemplos)

(4) Até então não fôra tanto o seu espírito de competição que por um incidente ocasional de intrigas de carruagem, se transformara em sentimento rancoroso. (Aoi)

(*Toshigorowa ito kakushimo arazarishi oon'idomigokoroo hakanarishi tokorono kurumaarasoini hitono oonkokorono ugokinikeruo.*)

(C) Casos em que não se pode afirmar serem recordações de experiências pessoais, se não se levar em conta a relação entre a narradora e o imperador Kiritsubo ou o palácio imperial. (17 exemplos)

(5) Por princípio, a senhora mãe não possuía posição social para servir-lhe nos trabalhos pessoais. (Kiritsubo)

(*Hajimeyori oshinabeteno uemiyazukae shitamôbeki kiwani arazariki.*)

(D) Casos em que, mesmo sendo a narradora uma dama da corte que serviu próximo a Genji; considerar que ela tenha tido a possibilidade de tocar até em tais assuntos, parece ser uma interferência demasiada.

(20 exemplos)

(6) Recordando seguidamente os vários momentos de sua fisionomia e os amores incoseqüentes que o atormentara no passado... (Sumano ura)

(*Ajinaki koton oonkokoroo kudakitamaishi mukashino koto oriorino oon'arisama omoitsuzukerururunimo.*)

(E) Exemplos de utilização duvidosa. (62 exemplos)

Com relação a esses usos da partícula *ki* levantados por Yoshioka, pode-se dizer, em outras palavras, que o caso 1 é utilizado em expressões que envolvem sentimentos íntimos, ou seja, expressões em que a narradora ora se entristece ora se alegra colocando-se no lugar do personagem; por isso se a partícula *ki* é utilizada, pode-se afirmar que se trata da recordação de uma experiência própria, o que não contradiz a teoria de Hosoe. Mas quando se trata de um acontecimento já exposto anteriormente, como é a utilização 2, trata-se de um caso em que não se pode já considerar a partícula *ki* como uma ‘retrospectiva testemunhada’. No caso 3 (A) temos uma experiência pessoal direta, trata-se, na realidade, de um exemplo que se torna a base máxima de que a partícula *ki* indica uma ‘retrospectiva testemunhada’; mas no caso 3 (B) (da certeza), a rigor, não se trata realmente de um caso que expressa uma ‘retrospectiva testemunhada’. Mesmo nos casos 3 (C) e 3 (D), onde como a imagem da narradora não se tem nada além de “uma dama da corte que estava próximo a Genji”, não se pode afirmar também que a partícula *ki* esteja indicando uma ‘retrospectiva testemunhada’. Finalmente quanto ao caso 3 (E), seja quem for a narradora que se suponha, pode-se resumir como um caso em que a partícula *ki* é utilizada com relação a um acontecimento que não lhe é de maneira nenhuma concernente, por isso não seria necessário explicar a razão de não se considerar uma ‘retrospectiva testemunhada’.

Dessa maneira, esses exemplos mostram que, a não ser que se faça um enorme esforço, torna-se difícil considerar a partícula *ki* da parte descritiva do texto, expressando as experiências da narradora.

Por outro lado, mesmo no caso 3 (A) que fundamenta a partícula *ki* como uma ‘retrospectiva testemunhada’, na realidade encontra-se problemas. Segundo Yoshioka, esses exemplos deveriam ser incluídos indubitavelmente como exemplos da fala do narrador, mas ao verificá-los de fato, trata-se de exemplos que são simples descrições objetivas e a maioria deles não se encaixa na norma da fala do narrador, ou seja, “a parte em que a suposta autora expressa-se diretamente na narrativa, ou a parte em que se percebe a postura da autora que está consciente da presença do leitor”. É o caso do exemplo 7 colocado a seguir:

(7) As folhagens de outono que trouxera como presente da montanha, comparadas com aquelas do jardim... (Kashiwagi)

(*Yamazutoni motasetamaqerishi momiji omaenoni goranjikurabureba.*)

Isso parece indicar que a partícula *ki* não expressa esse sentido “modal” de que se trata de uma experiência pessoal.

## 2 — O uso da partícula *keri*

Yoshioka faz considerações com relação à utilização da partícula *keri* em seus estudos de 1976 e 1977 (b) e, como sua premissa considera que:

“Na partícula *keri* podemos encontrar, além da sua utilização como ‘retrospectiva transmitida’, ou seja, a recordação de um fato do passado que não foi vivido diretamente pelo narrador, uma outra utilização que podemos denominar ‘percepção’ ou ‘confirmação’. Se esse tipo de *keri* puder ser descoberto na parte descritiva do texto, excetuando-se o caso onde a narradora age como personagem, ninguém mais além da narradora poderia perceber aí novamente uma certa situação ou reconfirmar uma certa situação.”<sup>4</sup>

Yoshioka divide de maneira ampla o significado da partícula *keri* na parte descritiva do texto da seguinte maneira:

1 — A partícula *keri* inserida na narração de experiências pessoais, ou seja, expressando o ponto de vista do personagem. (302 exemplos)

(8) Erguendo a cortina (do interior) da ala principal, tenta entrar silenciosamente, mas já noite em que todos adormeciam, ouviu-se nitidamente o roçar de suas vestes de seda, de qualidade macia. (Utsusemi)

(*Moyano kichôno katabina hikiagete ito yaora iritamôto suredo mina shizumareru yoruno onzono kehai yawarakanarushimo ito shirukarikeri.*)

2 — A partícula *keri* que expressa o ponto de vista da narradora.

(A) A partícula *keri* de ‘percepção’ ou ‘confirmação’. (59 exemplos)

(9) Não que se esquecesse dos tormentos de até então, mas condoía-se com o fato de que os seus sentimentos iam se transformando com o tempo. (Kiritsubo)

(*Oboshimagirutowa nakeredo onozukara oon'kokoro utsuroite koyonô oboshinagusamuyônarumo awarenaru wazanarikeri.*)

(B) A partícula *keri* que relembra uma experiência não vivida ou um acontecimento do qual não se tem certeza. (1494 exemplos)

(10) Falecendo o pai, conselheiro da Corte, sua mãe, esposa do conselheiro... estava apta para organizar qualquer que fosse a cerimônia mas...

(Kiritsubo)

(*Chichino dainagonwa nakunarite hahakitanokatanamu... nanigotono gishikiomo motenashitamaikeredo...*)

4) YOSHIOKA, Hiroshi — *Genji monogatari niokeru kino yôhō - Genji monogatario chūshintoshita ronkô*. Tokyo, Kasamashoin, 1977 (a).

(C) A partícula *keri* de explicação (180 exemplos)

(11) Quem contou esta história foi o filho do atual chefe da província de Harima, que este ano fôra promovido de escriturário particular do imperador para o 2.º escalão do 5.º grau inferior (de servidor público) (Wakamurasaki)

(*Kaku iuwa Harimanokamino kono kurôdoyori kotoshi kôburi etarunari-keri*)

Com relação ao caso 2(A) que expressa uma observação ou a impressão do narrador referente à descrição, Yoshioka diz que pode indubitavelmente ser considerado como a fala da narradora.

O caso 2(C) onde se encontra sempre a expressão *narikeri*, segundo Yoshioka

“De maneira geral são explicações ou comentários com relação a acontecimentos referidos anteriormente [...], são expressões em que transparece a posição subjetiva da narradora que explica e comenta.”<sup>5</sup>

e diz que podem todos ser considerados expressões com características da fala do narrador.

Quanto aos casos 2(A) e 2(C), diferindo da partícula *ki*, não se sente tanta resistência ao considerar-se esses casos como a fala da narradora. Entretanto, a explicação do significado de *keri* no caso 2(B), trata-se também de um exemplo que foge à teoria de Hosoe. Isto é, o caso 2(B) inclui não só a experiência pessoal não vivida, mas também os acontecimentos incertos e isto pode ser interpretado como um caso em que, não tendo outro jeito, houve uma ampliação de significado. Segundo Yoshioka, a partícula *keri* que expressa um acontecimento incerto é utilizada nos casos que se referem ao sentimento ou à personalidade do personagem que não podem deixar de ser supostos pela própria narradora, como no exemplo seguinte:

(12) Num obcecado sentimento de adolescente, se atormentara até chegar a ser um verdadeiro sofrimento. (Kiritsubo)

(*Osanaki hodono kokoro hitotsuni kakarite ito kokorogurushikimadezo owashikeru*)

Ou seja, seria correto dizer que isso expressa uma suposição e não um fato transmitido por terceiros.

Mais problemático que isso é o fato de a maior parte da partícula *keri* (cf. caso 2(B) — 1494 exemplos) que indica o passado, ser considerada

---

5) YOSHIOKA, Hiroshi — *Genji monogatari niokeru kerino yôhô* 2. Tokyo, Gakushûin daigaku kenkyû nenpô 24, 1977 (b), p. 81.

como o acontecimento de uma experiência não vivida mas ouvida de terceiros pela narradora. Isto encontra-se intimamente relacionado com a questão de como a narrativa era considerada na época.

A narrativa, diferindo de um romance, era a narração de um acontecimento ou um fenômeno de um mundo antigo. Assim, a narrativa precisava ser expressa de uma forma que essa existência fosse, de fato, digna de crédito. E considerando-se desse modo, fica claro que seria imperdoável a irresponsabilidade de se traduzir a expressão *mukashi... arikeri* como “Dizem que havia antigamente...”, interpretando a partícula *keri* como uma transmissão ouvida de terceiros, razão pela qual surgem críticas como a de Yôichi Katagiri (estudo de 1969).

## II — A teoria de Masao Takeoka — O uso da partícula *keri*

A teoria de Masao Takeoka (estudos de 1963/1967/1970) é largamente aceita, depois da de Hosoe.

Vejamos inicialmente um exemplo retirado de *Genji monogatari*:

(13) Apressou-se em recebe-lo no palácio e ao ve-lo notou que o novo príncipe era de uma beleza excepcional. O seu primogênito em quem eram depositadas grandes expectativas e naturalmente como príncipe herdeiro do trono, o povo lhe dispensava toda atenção, nascera de sua esposa, filha do Ministro da Direita, mas não se poderia compará-lo em beleza com este novo príncipe, ao qual o amor do imperador não tinha medidas, considerando-o uma preciosidade e a quem dedicava toda a sua atenção. (Kiritsubo)

*(Isogi mairasete goranzuruni mezurakanaru chigono oonkatachinari. Ichi-nomikowa udaijinno nyôgono oon'haranite yose omoku utagainaki môkeno-kimi to yoni motekashizukikoyuredo kono oon'niowiwa narabitamôbekumo arazarikereba ôkatano yamugotonaki oon'omoinite kono kimioba wataku-shimononi oboshikashizukitamôkoto kagirinashi)*

Com relação ao exemplo visto acima, diz Takeoka:

“A parte em que não é utilizada a partícula *keri* refere-se à cena do momento em que a narração se realiza (cena da narrativa) e a parte em que é utilizada a partícula *keri* (a parte grifada) indica que se trata de um fenômeno pertencente ao cenário de fundo (cena secundária). Nesse exemplo, Genji e o imperador Kiritsubo são os protagonistas centrais da cena da narrativa, enquanto que a parte grifada que inclui a partícula *keri* é a narração referente ao primogênito; se visto a partir da cena em que está se desenvolvendo ago-

ra na narrativa, trata-se de uma narração que se refere ao cenário de fundo.”<sup>6</sup>

Se deixarmos indicado as condições para se estabelecer um cenário de fundo na parte descritiva do texto e o pensamento de Takeoka, poderíamos levantar os seguintes casos:

- 1) caso em que a narrativa se refere a um personagem secundário;
- 2) no caso de se tratar de um acontecimento anterior (passado) ou uma situação posterior (futuro) ao momento em que o personagem principal está agindo;
- 3) no caso de se tratar de uma lenda, História, fato universal ou narrativa inseridos como um episódio à parte.

Takeoka interpreta os três casos de uma maneira ampla e mesmo a partícula *keri* como as dos exemplos 14 e 15 a seguir, são tratados igualmente e ele considera que, nesses casos, o autor traz à tona o tom narrativo e narra como um fenômeno do mundo da narrativa.

(14) Não se sabe em que reinado fôra, mas houve entre várias esposas e camareiras que serviam o soberano, uma que se destacara, merecendo carinho especial do imperador, apesar de não ter ascendência na nobreza. (Kiritsubo)

*(Izureno oontokinika nyôgo kôï amata saburai tamaikeru nakani ito yamugotonaki kiwaniwa aranuga sugurete tokimekitamô arikeri)*

(15) Diz-se que o nome Senhor Luz fôra dado pelos coreanos (homens de Kokuli), como uma manifestação de elogio. (Kiritsubo)

*(Hikarunokimito iu nawa komaudono medekikoete tsuketatematsurikeru-tozo iitsutaetarutonamu)*

Isto difere dos três casos colocados anteriormente, onde são reconhecidos como cenário de fundo por serem episódios inseridos ou anexos, e não por estarem à “margem” do enredo principal, pois reconhece como cenário de fundo o todo que inclui esse tipo de “margem” e assim a característica do cenário de fundo difere amplamente com a dos três casos anteriores.

Entretanto, na teoria de Takeoka, o ponto principal é o fato de ter reconhecido como a função da partícula *keri* essa indicação do tom narrativo e parece que o fato dele ter reconhecido como a função de *keri* a de indicar os acontecimentos de fundo do mundo narrado passou a ser um ponto que

---

6) TAKEOKA, Masao — *Jodôshi kerino hongito kinô - Genji monogatari. Murasaki Shikibu nikki. Makurano sôshio shiryôtohitze*. In: *Kokubungaku - Gengoto bungei* 31, 1963, p. 3.



chegou a confundir a sua teoria. No entanto, Takeoka não deixou claro de que tipo de significado gramatical o chamado tom narrativo nasce.

Nesse sentido, torna-se mais clara a teoria de Yôichi Katagiri (1969) que concorda com a idéia de Takeoka que considera o todo da obra narrativa “como o mundo imaginário do cenário de fundo, distante da cena onde estão o autor e o leitor real.”

Katagiri considera que aquilo que realiza uma narrativa é “o mundo que narra” (o mundo do narrador e do ouvinte) e “o mundo da narrativa” (o mundo da obra) e diz que:

“A partícula *keri* que aparece na parte descritiva do texto era normalmente utilizada a partir de uma posição um pouco distante do mundo da narrativa, ou seja, a partir do mundo que narra.”<sup>7</sup>

Mais adiante considera ainda que:

“A parte em que a partícula *keri* é utilizada, explica o mundo da narrativa a partir do mundo que narra, através da apreensão subjetiva do autor num discurso indireto.”<sup>8</sup>

Esse pensamento poderá ser suficientemente compreendido no estudo que faremos a seguir.

### III — O estudo realizado por Tai Suzuki

#### 1 — O uso da partícula *ki*

Gostaríamos, inicialmente, de fazer algumas considerações sobre a partícula *ki* coletando alguns exemplos dos diálogos de Genji Monogatari.

(16) Quando ainda era estudante do Curso de Letras, vi exemplos vivos de mulheres inteligentes. (Hahakigi)

(*Mada monjôno shôni haberishitoki kashikoki onnano tameshionamu mitamaeshi.*)

(17) Houve questões que preocupara o falecido príncipe e o fato é que ordenara as rezas. (Usugumo)

(*Komiya fukaku oboshinageku kotoarite oon'inori tsukômatsurasetamô yuenamu haberishi.*)

(18) Há um ilustre monge eremita em Kitayama, no templo tal. No verão passado também nos preocupamos com o alastramento da epidemia, sem os

7) KATAGIRI, Yôichi — *Monogatarino sekaito monogataru sekai* — *Taketori monogatario chûshinni*. In: *Kokubungaku - Gengoto bungei* 66, 1969, p. 7.

8) Idem, *ibidem*, p. 11.

efeitos das rezas, mas houve, porém, casos resolvidos por este monge eremita. (Wakamurasaki)

*(Kitayamaninamu nanigashi terato iu tokoroni kashikoki okonaibito haberu. Kozono natsumo yoni okorite hitobito majinaiwazuraishio todomuru tagui amata haberiki.)*

(19) A falecida Yûgao, quantos anos teria?... (Yûgao)

*(Toshiwa ikutsunika monoshitamaishi...)*

(20) Penaliza-nos só em pensar no tratamento dado pelos pais, pois de que forma educariam a filha cheia de falhas? (Hotaru)

*(Okuretaru koto ôkaruwa naniwazashite kashizukishizoto oyano shiwasasae omoiyararurukozo itooshikere)*

Todos esses são exemplos que ora narram o fato de num determinado momento uma certa ação ou situação terem sido concluídos completamente ora consideram essa ação ou situação como objetos de uma pergunta.

Como podemos depreender do exemplo 16 que se refere a uma lembrança da época da juventude e do exemplo 17 que se refere a uma lembrança de uma pessoa já falecida, trata-se de acontecimentos que estão distantes do momento atual da narração. Ou seja, podemos dizer que a partícula *ki* expressa uma realidade do passado no sentido mais básico.

Dentre os exemplos acima, 16 e 17 narram uma experiência pessoal do falante. Mas os exemplos 18, 19 e 20 não se referem necessariamente a uma experiência pessoal do falante.

O exemplo 18 refere-se a um monge eremita de Kitayama que curou muitas doenças endêmicas, mas isto não indica que o falante tenha testemunhado todas essas curas com os próprios olhos; provavelmente é a conclusão a que ele chegou ouvindo conversas ou boatos de pessoas que se curaram. Assim, podemos dizer que são exemplos não de experiências pessoais, mas de acontecimentos que lhes foram transmitidos.

Os exemplos 19 e 20 são frases interrogativas, onde no exemplo 19 o sujeito da oração é Yûgao, já falecida e no exemplo 20 o sujeito se refere aos pais em geral, por isso não são casos em que o falante pudesse ter vivido ou presenciado pessoalmente os acontecimentos.

Pelos exemplos vistos, podemos considerar que os acontecimentos narrados por *ki* não são necessariamente fatos vividos pelo falante. No entanto, não significa que um acontecimento narrado através do uso da partícula *ki* num diálogo possa se referir a um passado infinitamente remoto, mas esse

passado deve estar dentro de um período de espaço que corresponde à experiência que um ser humano experimenta no decorrer da sua existência.

Assim, se consideramos que a partícula *ki* não expressa necessariamente a experiência do falante, torna-se necessário repensarmos o assunto e ver de que maneira iremos considerar esse fato daqui para a frente.

## 2. O uso da partícula *keri*

(A) Relata e explica uma situação que o falante reconheceu no passado.

(21) O príncipe Hyôbukyô é irmão mais novo, mas parecia mais idoso. O príncipe Sochi era brilhante, mas aparentava ser de classe da nobreza, carecendo finura. (Hanachirusato)

*(Oon'otôtonikoso monoshitamaedo nebimasaritezo mietamaikeru. . . .*

*Sochino miko otorite ôkimikeshikinizo monoshitamaikeru.)*

(22) Pela manhã, descendo vim por entre os orvalhos. Na montanha, as folhagens de outono pareciam não se definir, mas as cores do outono das matas, do campo, já estavam na sua plenitude. (Matsukaze)

*(Kesawa kirio wakete mairi haberitsuru. Yamano nishikiwamadashû haberikeri. Nobeno irokoso sakarini haberikeri.)*

No exemplo (21), a personagem Hanachirusato relata, nessa noite, a Genji, o aspecto dos príncipes que se reuniram de dia em Rokujô'in. "... parecia mais idoso" é o relato de que naquele momento Hyôbukyô aparentava ser mais velho do que Genji. E a partícula *keri* usada nesse exemplo indica que o momento em que Hanachirusato teve essa impressão é anterior ao momento em que ela está relatando a Genji. Embora na continuação dessa frase não se encontre o verbo de sensação *miyu* "poder ver", indica que também nesse momento o príncipe Sochi lhe deu aquela impressão.

O exemplo 22 relata o aspecto outonal visto no percurso que o falante fez até o local onde a narração ocorre, dizendo que nas montanhas ainda não se pode apreciar as cores do outono, mas que os campos já estão coloridos pelas cores outonais.

Não temos outra maneira de traduzir o trecho *ôkimikeshikinizo monoshitamaikeru* do exemplo 21 como "aparentava ser de classe da nobreza, carecendo finura" e os trechos *Yamano nishikiwamadashû haberikeri* como "Na montanha, as folhagens de outono pareciam não se definir" e *Nobeno irokoso sakarini haberikeri* do exemplo 22 como "as cores do outono das matas, do campo, já estavam na sua plenitude", mas isso não significa que a situação "aparentava ser de classe da nobreza, carecendo finura" ou o estado

outonal das montanhas ou dos campos pertençam a um passado já desaparecido. Significa, antes, que essas situações ainda se mantêm até o momento em que o falante está relatando. Ou seja, mesmo que a partícula *keri* utilizada nesses exemplos expresse a temporalidade, podemos dizer que isso indica apenas o fato de que o momento em que essas situações foram reconhecidas pertence ao passado.

Acreditamos que os predicados com sentido situacional desses exemplos que tem como característica o ato contínuo, influencia neste sentido, mas pode-se, por outro lado, considerar também que isso se deve ao fato de a partícula *keri* indicar nesses casos, mais do que um significado de passado (significado temporal), o sentimento de relatar e tentar explicar (sentido “modal”) o que ele próprio presenciou num outro local.

Seja como for, a partícula *keri* desses exemplos tem, por um lado, o significado de passado e, por outro lado, expressa a experiência pessoal do falante, por isso não se pode dizer que a partícula *keri* seja utilizada somente para expressar uma ‘retrospectiva transmitida’.

No estudo de Yoshioka (1977), esses exemplos não foram considerados como indicando situações do passado e sim como ‘percepção’ ou ‘confirmação’ (cf. caso 2(A) do estudo de Yoshioka), e essa foi provavelmente a razão pela qual o seu estudo não fracassou.

(B) Relata e explica uma ação que o falante reconheceu no passado.

(23) Alguém me transmitira, com certeza, que o ministro interino falava radiante sobre a forma de ação de Genji, que realmente era inteligente. (Fuji-bakama)

*(Ito kashikoku kadoaru kotonaritonamu yorokobi mōsarekeruto tashikani hitono katarimōshihaberishinari.)*

(24) Chûjôno ason (cargo), o irmão mais velho, ouvindo a respeito desta dama, procurou-a e visitou-a para constatar se de fato havia razões para tal falatório. (Tokonatsu)

*(Chûjôno ason'namu kikitsukete makotoni sayôni furebainubeki shirushiya aruto tazune toburaihaberikeru.)*

Nesses exemplos, a partícula *keri* é utilizada junto a verbos de ação e relata que tal ação aconteceu no passado. Diferindo do item (A), a ação, nesse caso, já foi concluída no momento em que a narração está ocorrendo, por isso pode-se afirmar simplesmente que expressa o fato de a ação ter sido realizada no passado. Nesse sentido, assemelha-se à partícula *ki*, mas a diferença está em que a partícula *keri* possui uma nuance “modal” de que se trata de um relato.

No caso em que a partícula *keri* é utilizada com um verbo de ação, quando, como no exemplo a seguir, está relatando o fato de que houve no passado uma ação psicológica do falante, esse sentido “modal” de que se trata de um relato fica ainda mais evidente.

(25) Eu mesmo me conscientizei de veras que haveria uma especial predestinação para sentir-lhe a graça e o carinho nos seus atos ingênuos.

(Wakamurasaki)

(*Sono iukainaki oon'arisamano awareni yukashû oboetamômo chigiri kotoninamu kokoronagara omoishirarekeru.*)

No caso do exemplo 25 seria possível traduzir o trecho *chigiri kotoninamu kokoronagara omoishirarekeru* como “haveria uma especial predestinação para sentir-lhe a graça e o carinho nos seus atos ingênuos” e assim o sentido temporal de *keri* se tornaria fraco, ficando evidente o sentido “modal” de tratar-se de um relato.

Isto se deve também ao fato de a ação psicológica possuir continuidade, mas no caso de a partícula *keri* aparecer junto a um predicado com o sentido de ação isso indica que da mesma maneira, a partícula *keri* possui o sentido temporal de passado e ao mesmo tempo o sentido “modal” de relato.

(C) Relata e explica o fato de que se trata de um acontecimento do passado, de um fato histórico ou de um fato ocorrido numa narrativa clássica.

(26) Aconteceram vários fatos desagradáveis a despeito do reinado magnífico do imperador. Na China também aconteceram fatos que convulsionaram o mundo nas eras de imperadores divinos. Em nosso país também assim é. (Usugumo)

(*Sakashiki yonishimonamu yokaranu kotodomono haberikeru. Hijirino mikadono yoni yokozamano midare idekurukoto morokoshinimo haberikeru*)

(27) São nestes lugares que puderam ser vistas cenas emocionantes, dentro, inclusive, de contos antigos. (Suetsumuhana)

(*Kayôno tokoronikosowa mukashimonogatarinimo awarenaru kotodomomo arikere*)

Os exemplos 26 e 27 relatam certos casos ocorridos no Japão e em outros países, num passado remoto ou casos ocorridos dentro de uma narrativa. Geralmente nesses casos temos principalmente a partícula *keri* com o sentido temporal, isto é, indicando que um certo fato aconteceu no passado e o seu sentido “modal” que indica ser um relato não fica muito evidente.

Como esses acontecimentos só podem ser conhecidos através da transmissão por terceiros ou através da leitura de um livro, são considerados os

melhores exemplos da partícula *keri* expressando uma ‘retrospectiva transmitida’. Entretanto, trata-se de acontecimentos ligados a fatos históricos e narrativas, assim, há casos em que nem sempre um fato que deveria expressar um acontecimento do passado parece estar expressando o passado. Por exemplo, a frase 27 pode ser traduzida como “podem ser vistas cenas emocionantes.” Esse é um exemplo que mostra que a partícula *keri* possui um sentido temporal e ao mesmo tempo, possui fortemente o sentido “modal” que indica ser um relato.

(D) Expressa a descoberta de que uma ação ou uma situação existiram no passado.

(28) Que lástima! Vamos embora. Já poderíamos ter notado claramente através dos movimentos das aranhas que aquela pessoa viria, e no entanto, que chatice, nos ludibriaram. (Momijino ga)

(*Ana wazurashi. Idenamuyo. Kumono furumaiwa shirukaritsuramumono. Kokorokusukashitamaikeruyo.*)

(29) Ao perguntar: “Quem veio orar?”, até os empregados sem categoria riram gostosamente, dizendo: “Há pessoas que desconhecem que o ministro veio desfazer o juramento!” (Miotsukushi)

(*Taga môdetamaeruzoto toumereba uchino ooidonono gogan’hatashini môdetamô shiranu hitomo arikeritote hakanaki gesudani kokochiyogeni uchiwarau.*)

O exemplo 28, baseando-se na presente condição, expressa o reconhecimento do fato de que certa ação não confirmada diretamente pelo falante ter sido realizada no passado. Existem exemplos semelhantes também na língua moderna e podemos citar uma situação em que vendo uma gaiola vazia cuja porta está aberta, a pessoa diz: “Ah, o passarinho fugiu!”. Isto não significa que o falante tenha visto de fato o passarinho fugir da gaiola. Trata-se de uma expressão que reconhece o fato de que o passarinho fugiu num momento anterior, vendo uma situação do presente (a gaiola vazia).

Podemos dizer que o exemplo 28 expressa o fato de que o falante fica sabendo diretamente que foi enganado, pois percebeu sinais da presença de alguém, embora não devesse aparecer mais alguém no local. E quando diz “nos ludibriaram” isso não indica simplesmente o “ambiente” da descoberta, encontramos também aí uma espécie de crítica, pois aborda a questão de ter existido no passado a ação de “enganar”. Nesse sentido, podemos considerar que existe aí a temporalidade.

Quando a partícula *keri* que vem junto a um verbo de ação é utilizada com o sentido de descoberta, essa ação é considerada, a priori, como uma

ação do passado, como no exemplo 28, mas no caso de a partícula *keri* vir junto a um verbo de estado, a condição reconhecida a partir da presente situação é aquela que continua desde o passado até o presente, assim não se pode dizer que a partícula *keri* esteja expressando o passado temporalmente. (cf. exemplo 29)

O exemplo 29 está dentro do seguinte contexto: sem saber que Genji estava em visita a Sumiyoshi, Akashino hito pergunta quem era o visitante, razão pela qual se torna alvo de zombaria por parte até mesmo dos empregados, pois não se admitia o fato de alguém não estar a par de um acontecimento tão relevante como a visita de Genji a Sumiyoshi.

Assim, o exemplo 29 tem o sentido de que ficaram sabendo da existência de pessoas tão desavisadas que existem desde a antiguidade, mas expressa também o espanto das pessoas ao saberem que tinham um exemplo disso na sua própria frente.

(E) Expressa o sentido “modal” de ser um relato.

(30) O acompanhante faz uma reverência e diz: “Aquela que floresce branca chama-se Yûgao. O nome da flor está de acordo com a pessoa e ela floresce num cercado humilde.” (Yûgao)

(*Mizuijin tsuiite kaku shiroku sakikeruonamu yûgaoto môshihaberu. Hanano nawa hitomekite kô ayashiki kakineninamu sakihaberikeru.*)

(31) As feições da moça ainda não vista com firmeza era então de uma altivez e de muito requinte. “É uma beleza resplandecente”, pensou e sentiu-se penalizado em deixá-la ou perde-la. (Akashi)

(*Sayakanimo mada mitamawanu katachinado ito yoshiyoshishû kedakai samashite mezamashûmo arikerukana to misutegataku kuchioshû obosaru.*)

O exemplo 30 é muito famoso por mostrar que, às vezes, a partícula *keri* pode expressar uma verdade universal, mas pode-se considerar um exemplo em que a partícula *keri* perdeu o sentido de passado e passou a expressar somente o sentido “modal”.

No exemplo 31 temos o personagem Genji admirando a beleza da princesa de Akashi; nesse exemplo, a partícula *keri* expressa o sentido “modal” amplo de se tratar de um relato, mas pode-se considerar mais precisamente, tomando as palavras de Yôichi Katagiri:

“Trazendo um acontecimento afastado do narrador para perto de si, tem a função de interiorizá-lo e a partir do seu próprio ponto de vista, reexplicá-lo, interpretá-lo e se emocionar.”<sup>9</sup>

---

9) KATAGIRI, Yôichi — *Monogatarino sekaito monogataru sekai* — *Taketori monogatario chûshinni*. In: *Kokubungaku - Gengoto bungei* 66, 1969.

No que se refere às obras narrativas da era Heian é dominante a teoria que considera como algo transmitido pelo narrador, mas se a partícula *keri* expressa, dessa maneira, algo presenciado diretamente pelo falante, a literatura narrativa da era Heian deverá ser vista como a narração das verdades presenciadas diretamente pelo narrador.

(O presente artigo é a tradução da palestra proferida pelo Prof. Tai Suzuki, da Universidade Musashi, Japão, no Centro de Estudos Japoneses da USP, no dia 26/09/87.)

Traduzido por: Geny Wakisaka (exemplos 1 a 31) e Luiza Nana Yoshida.

Luiza Nana Yoshida

## BIBLIOGRAFIA

HOSOE, Ikki — *Dôshi jiseino kenkyû* (Pesquisa sobre tempo verbal). Tokyo, Taibundô, 1932.

KATAGIRI, Yôichi — *Monogatarino sekaito monogataru sekai — Taketori monogatario chûshinni* (O mundo da narrativa clássica e o mundo que narra — Centralizando-se na obra Taketori monogatari). In: *Kokugungaku — Gengoto bungei* 66, 1969.

TAKEOKA, Masao — *Jodôshi kerino hongito kinô — Genji monogatari. Murasaki Shikibu nikki. Makurano sôshio shiryôshite* (O significado original e a função da partícula *keri* — Nas obras Genji monogatari, Murasaki Shikibu nikki e Makurano sôshi). In: *Kokubungaku — Gengoto bungei* 31, 1963.

YOSHIOKA, Hiroshi — *Genji monogatariniokeru kino yôhō — Genji monogatario chûshintoshita ronkô* (O uso da partícula *ki* na obra Genji monogatari — Um estudo centrado em Genji monogatari). Tokyo, Kasamashoin, 1977 (a).

YOSHIOKA, Hiroshi — *Genji monogatariniokeru kerino yôhō 1, 2* (O uso da partícula *keri* na obra Genji monogatari 1, 2). Tokyo, Gakûshuin daigaku bugakubu kenkyû nenpô 23 e 24, 1976 e 1977 (b).